

A poesia como experimento da teoria na obra de Friedrich Schiller

The poetry as an experiment of the theory in the work of Friedrich
Schiller

Fernando Oliveira Santana Júnior¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a revisitação do gênero épico na poética moderna de Friedrich Schiller (1759-1805), uma poesia filosófica, que funde reflexão teórica e fazer poético. Ou seja, a poética schilleriana é um experimento de sua obra teórica *Poesia ingênua e sentimental* (de 1796), notado nos poemas *Os deuses da Grécia*, *Ilíada* e *Odisseu*, por exemplo.

Palavras-chave: poesia épica; poesia moderna; Schiller; experimento; teoria.

Abstract: This article aims to analyze the revisiting of the epic genre in the modern poetry of Friedrich Schiller (1759-1805), a philosophical poetry that fuses theoretical reflection and poetic practice. In other words, Schiller's poetry is an experiment of his theoretical work *On naïve and sentimental poetry* (published in 1796), as seen in the poems *The gods of Greece*, *The Iliad*, and *Odysseus*, for example.

Keywords: epic poetry; modern poetry; Schiller, experiment; theory.

¹ Pós-doutorando sênior pelo PPGCINE (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema) da UFS (Universidade Federal de Sergipe), onde atua como docente e pesquisador visitante, com pesquisa sobre Camões e o mito lusiada no cinema épico de Manoel de Oliveira. Doutor em Letras/Teoria da Literatura/Estudos Culturais pela UFPE (Universidade Federal de Pernambuco).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1534099235101087>

Inicialmente, propomos uma reflexão crítica sobre o gênero épico comparando reflexões de Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805) com Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), expressas em **Poesia ingênua e sentimental**, de 1796, e no **Curso de Estética**, compilado de 1835 a 1838. Em seguida, analisar a poesia de Schiller como experimento de sua teoria sobre o **poeta ingênuo** e o **sentimental**, incluindo reflexões dos pensamentos desses dois filósofos alemães sobre a idade dourada épica e sua releitura alemã moderna no final do século XVIII, entrando pelo XIX.

Será considerada a revisitação do gênero épico feita na poesia moderna do próprio Schiller, chamada de **poesia filosófica**, que funde, simultaneamente, reflexão teórica e fazer poético, numa época em que ele e seu grande amigo Goethe foram expositores do Classicismo de Weimar, uma proposta de reapropriação da Grécia clássica, em oposição à *imitatio naturae* da cultura helênica, proposta por Winckelmann e pelo Neoclassicismo. Essa simbiose entre reflexão teórica e fazer poético se dá porque a poética de Schiller é um experimento, por exemplo, das reflexões contidas em sua obra **Poesia ingênua e sentimental**, experimento-resultado que leva em conta tanto o gênero épico quanto a idade de ouro da epopeia, colocados na condição moderna.

1 A IDADE DE OURO DO GÊNERO ÉPICO

No passado helênico, a idade dourada era fincada na harmonia da e com a totalidade transcendental. Uma era em cujo contexto nasce o gênero épico propriamente dito, na qual “ser e destino, aventura e

perfeição, vida e essência são, então, conceitos idênticos” (LUKÁCS, 1971, p. 30. Tradução minha da tradução norte-americana de Anna Bostock). Ademais, no sentido hegeliano, quando se fala da epopeia, fala-se da “relação ideal verdadeiramente poética”, consistindo na identificação mútua entre os deuses gregos e seus heróis épicos, visto que “embora sejam exteriores ao homem”, esses deuses se apresentam “como imanentes ao seu espírito e ao seu caráter” (HEGEL, 1983, p. 99). Essa simbiose é confirmada pelo filósofo e crítico literário húngaro György Lukács (1885-1971) quando ele também a exemplifica com a metáfora do pai perante o filho criança (1971, p. 30). Destarte, para dar movimentação à presença do mito na poesia épica, o herói aparece como impulsionador da fusão entre o humano e o divino. Esse exposto é sintetizado pelo filósofo alemão Hegel no **Curso de Estética**, ao ressaltar que a mitologia grega é “a poesia do mundo primitivo que é a fonte da epopéia” (1997, p. 492) e que, por sua vez, corresponde ao conceito de poesia ingênua, de Friedrich Schiller.

Diante do exposto, poderíamos falar de uma reconsideração da épica na modernidade prosaica, predominantemente romanesca? Para refletirmos sobre essa questão hegeliana, exposta em seu **Curso de Estética**, vejamos o seguinte cotejo de reflexões de Hegel, Schiller e Lukács, respectivamente, que aludem ao gênero épico no contexto da natureza mítica grega de sua cosmovisão:

Os bons tempos da arte grega e a idade de ouro da última Idade Média se foram. As condições do tempo presente não são favoráveis à arte. O próprio artista já não é apenas desviado e influenciado por reflexões que ouve formular cada vez mais alto à sua volta, por opiniões e juízos correntes sobre a arte, mas toda nossa cultura lhe torna impossível, mesmo à força de von-

tade e decisão, abstrair-se do mundo que [está] à sua volta e das condições em que se encontra o sujeito, a não ser que recomece a sua educação e se retire para um isolamento onde possa encontrar seu paraíso perdido. Mas ao romance falta a poesia do mundo primitivo que é a fonte da epopéia (HEGEL, 1993, p. 27; 1997, p. 492).

Quando se recorda a bela natureza que envolvia os gregos antigos; quando se reflete sobre quão intimamente esse povo podia viver com a natureza livre sob seu céu feliz; quão mais próximos estavam da natureza simples seu modo de representar, sua maneira de sentir, seus costumes, e que reprodução fiel dela são suas obras poéticas. [...] O sentimento com que nos apegamos à natureza é tão aparentado àquele com que lastimamos a época passada da infância e da inocência infantil. [...] Uno [o grego] consigo mesmo e feliz no sentimento de sua humanidade, esta [a natureza] era o máximo no qual precisava deter-se e do qual tinha a necessidade de aproximar todo o resto (SCHILLER, 1991, p. 55-56).

Felizes são aquelas eras em que o céu estrelado é o mapa de todos os caminhos possíveis – eras cujos caminhos são iluminados pela luz das estrelas. Tudo nessas eras é novo e ainda familiar, pleno de aventura e ainda próprio. O mundo é vasto e ainda é como um lar, pois o fogo que queima na alma é da mesma natureza essencial das estrelas; [...] A alma sai para buscar aventura; ela vive através de aventuras, mas ela não conhece o real tormento da busca e o real perigo da descoberta; essa alma não se coloca em risco; ela ainda não sabe que pode se perder, ela nunca pensa em ter de buscar a si mesma. Essa era é a era da epopeia. [...] [Moldada pela] topografia transcendental da mente grega, que era essencialmente diferente da nossa [...]. O romance é a epopeia do mundo abandonado por Deus (LUKÁCS, 1971, p. 29, 30/32/88. Tradução nossa da tradução norte-americana).

Esses três filósofos, numa notável linha de reflexão convergente, reconhecem no surgimento da modernidade o desencantamento do

cronotopo helênico, de modo que o gênero épico sofre um abalo ocasionado pelo surgimento e pela ascensão do romance, a epopeia burguesa moderna, em termos hegelianos. A modernidade condiciona o homem ao uso da razão e da cultura, num processo de desmistificação da cosmovisão metafísica da realidade circundante, uma natureza esvaziada de transcendência.

A “topografia transcendental” cede lugar à “falta de lar transcendental”, passagem assinalada conteudística e formalmente pelo romance moderno (LUKÁCS, 1971, p. 31/61. Tradução nossa). Noutras palavras, a fissura entre “a poesia do coração” (a essência heróica épica) e a “prosa das circunstâncias” (a realidade prosaica, fragmentada do mundo moderno, dessencializada no romance) é tônica de desequilíbrio (Cf. HEGEL, 1997, p. 492). Não obstante, há uma evocação nostálgica da era épica, num processo filosofante que, no dizer de Novalis, é nostálgico, “é o ímpeto de se estar em casa em toda a parte” (apud LUKÁCS, 1971, p. 29. Tradução nossa).

2 A POESIA DE FRIEDRICH SCHILLER COMO EXPERIMENTO DE SUA TEORIA POÉTICA

Friedrich Schiller, em seu ensaio **Poesia ingênua e sentimental** (que foi, também, resultado de sua obra poética), aborda não só o impulso de que falou Novalis, mas também a transposição da “poesia do coração” à “prosa das circunstâncias”, usando as palavras-chave “natureza” e “cultura”. “Natureza”, que, no início do ensaio de Schiller (1991, p. 43), é caracterizada como mundo natural fauna-flora, além da “natureza humana em crianças, nos costumes da gente do campo e do mundo primitivo” (em seus monumentos e produções

antigos). Assim, a natureza é “o ser espontâneo, a subsistência das coisas por si mesmas, a existência segundo leis próprias e imutáveis” (SCHILLER, 1991, p. 43). É interessante que o conceito de **poeta ingênuo** origine-se dessa concepção de *natura*, pois Hegel, em seu **Curso de Estética**, mostra a epopeia como expressão primeira da “ingênua consciência de um povo” (1997, p. 444), embora o que seja ingênuo para Hegel não seja, possivelmente, o mesmo ingênuo para Schiller, pois o referido autor do **Curso de Estética**, noutro trecho, o concebe como “fase inferior de desenvolvimento e formação” do povo grego (1997, p. 447). Todavia, contrariamente a Hegel, Schiller não inferioriza o ingênuo homem grego da era epopeica, mas o concebe como parte intrínseca da condição moderna do homem sentimental, em sua busca pelo Ideal representado pelo ingênuo (Cf. SÜSSEKIND, 2007, p. 254-256).

Schiller sustenta que os modernos, devido ao excesso de liberdade no uso da razão, precipitaram-se na incógnita longitude do lar materno. Diante disso, “com doloroso anseio, desejamos para lá voltar tão logo começamos a experimentar os tormentos da cultura e a ouvir, no país longínquo da arte, a comovente voz materna” (SCHILLER, 1991, p. 53). Esse suspiro-anseio pode ser visto no curto poema **O ciclo da natureza**, de Schiller: “Todas as coisas, tu, gentil, existes incluídas em teu reino; o velho homem – de volta para os dias de sua juventude, infantil e inocente-infante – retorna” (2004, p. 124. Tradução nossa¹). Ou nesta última estrofe do poema schilleriano **O poder do canto**:

¹ Tradução feita da tradução inglesa e esta, por sua vez, do original alemão. Neste artigo, usamos traduções inglesas dos poemas de Schiller, do original alemão, pois, com exceção das traduções brasileiras do poema **Os deuses**

E assim como após o desejar sem esperança, / Após a dor amarga pela longa separação, / Uma criança, com cálidas lágrimas de remorso, / Atira-se ao peito materno, / Também o canto traz o fugitivo / De volta ao país distante dos costumes estranhos / Para o abrigo da juventude, / Para a pura felicidade de sua inocência, / Aquecendo-o das frias regras / Nos braços fiéis da natureza (SCHILLER, 1991, p. 117. Tradução de Márcio Suzuki).

Não se trata, contudo, de um retorno metafísico à mesma condição existencial da era épica, mas de uma nostalgia do futuro: “fomos natureza como eles, e nossa cultura deve nos conduzir à natureza pelo caminho da razão e da liberdade”, por meio do “Ideal” (1991, p. 44). É uma volta dentro das condições da modernidade, fundindo natureza e cultura, numa reconfiguração da antiga unidade épica entre o Homem e o Cosmos (Cf. HEGEL, 1997, p. 445/471). Considerando que **Poesia ingênua e sentimental** também é resultante das leituras kantianas de Schiller, a concepção do autor de **A noiva de Messina** do que seja Ideia, ou Ideal, também tem ressonâncias kantianas, além de concernir à arte helênica como um Ideal dos artistas modernos, como foi para Schiller (como o poema **Os deuses da Grécia**, por exemplo) e Goethe (com a peça **Hermann e Dorotéia**, por exemplo), conforme nota do tradutor brasileiro Márcio Suzuki:

da Grécia, feita por Machado de Assis, e do poema **Esperança**, feita por Rainer Patriota (publicada na Revista do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte, em 2006) e dos fragmentos poemáticos traduzidos por Márcio Suzuki, em suas notas do ensaio **Poesia ingênua e sentimental**, desconhecemos publicações das traduções em língua portuguesa da obra poética de Schiller.

O Ideal, em seu sentido forte, representa para Schiller a própria perfeição da natureza humana ou de sua expressão, o belo. É, por isso, uma Ideia inatingível, a não ser por aproximação. Pode-se detectar, porém, um outro sentido, no qual o conceito significa um ‘modelo’ (como, por exemplo, a arte grega é um Ideal para os artistas modernos). Nessa segunda acepção cabe remeter às definições de Kant: “Idéia quer dizer propriamente um conceito da razão, e *Ideal* a representação de um ser individual como adequado a uma Idéia” (In: SCHILLER, 1991, p. 112).

Uma época em que tal pendor nostálgico ocorreu acentuadamente foi no final do século XVIII, entrando pelo XIX, na modernidade alemã, cujo exemplo notório foi o Classicismo de Weimar. Tal período pode parecer anacrônico, pois enquanto Hegel defende que “a poesia épica cede definitivamente seu lugar ao romance” (1997, p. 494), Schiller e Goethe não partilhavam dessa visão, pois ambos se interessaram pelo estudo da era e da arte helênicas. Conforme Pedro Süsskind, em seu ensaio **A recriação da Grécia: o debate de Goethe e Schiller sobre a imitação dos antigos**, Schiller e Goethe não se interessaram apenas teoricamente pela Antiguidade Clássica, mas também esteticamente, pois tal interesse consolidou “uma revisão do projeto proposto na Alemanha por Winckelmann”. Tal projeto foi formulado na frase de seu livro, **Reflexões sobre a imitação das obras gregas na pintura e na escultura**, de 1755: “o único caminho para nos tornarmos grandes e, se possível, inimitáveis, é a imitação dos antigos...” (WINCKELMANN apud SÜSSEKIND, 2007, p. 77).

Vale lembrar que Goethe e Schiller estimavam o romance, mas não o viam como substituto banidor da epopeia. Goethe, por exemplo, escreveu **Os sofrimentos do jovem Werther** e **Os anos de**

aprendizado de Wilhelm Meister. Schiller não escreveu romances, mas estimava o gênero romanesco, tanto que foi interlocutor atencioso e entusiasta de **Wilhelm Meister**, conforme a correspondência entre ambos. Em carta de 19 de outubro de 1796, disse a Goethe que “é de surpreender como o conteúdo épico e o filosófico impõem-se no mesmo”, tocando a arte e a vida (GOETHE; SCHILLER, 2010, p. 105). Assim, Schiller parece defender a presença de conteúdo épico (não necessariamente a forma) fundido com a prosa romanesca: “aquilo que o próprio poeta, o casto discípulo da musa, pode permitir-se, não deveria ser consentido ao romancista, que é apenas seu meio-irmão e ainda toca demasiadamente a terra?” (SCHILLER, 1991, p. 80). Obviamente, Schiller, usando-o para exemplificar, tinha consciência da “prosa das circunstâncias”, mas desaprovava a tese do desaparecimento da “poesia do coração”.

Numa carta escrita para Herder, em 4 de novembro de 1795, Schiller disse: “o predomínio da prosa no todo de nossa condição é, parece-me, tão grande e decisivo que o espírito poético, ao invés de dominá-la, teria de ser por ela contagiado e arruinado” (1991, p. 128). Schiller defende que o gênero poético não deve se fundir com essa prosa do mundo real moderno, mas criar seu próprio mundo e manter certo parentesco com a era clássica como ideal. Retomando a questão da mimese da poética greco-latina, é muito oportuno deixar patente que o Classicismo de Weimar não é uma nova versão alemã do Neoclassicismo/Renascimento, defendida por Winckelmann, mas uma reflexão crítica sobre como se reapropriar, de maneira moderna, dos gêneros épico e dramático, legados pela arte grega. O poema **Grecidade**, a seguir, pode ser lido, como um manifesto poético

schilleriano tanto contra o neoclassicismo francês quanto como uma apologia ao uso moderno da arte helênica:

Tem partido escassa a febre tão infante da Galomania¹ /
Quando um ataque mais veemente da Grecomania² tem ir-
rompido. / Grecidade – mas o que significa isso? – foi harmo-
nia, medida e inocência! / Tenham paciência, bons cavalhei-
ros, rezem os senhores antes de falar o grecismo / É por uma
causa excelente pela qual estais lutando, e tudo que eu tenho
buscado / É o que, com razão, nunca pode ser feito alvo de
chacota (SCHILLER, 2004, p. 49. Tradução minha).

Mesmo com sua dosagem irônica, esse poema de certo modo teo-
riza a respeito da natureza do mundo épico grego (*Griechheit*, no ori-
ginal), vista por Schiller e Goethe como a nostalgia do futuro da mo-
dernidade. Ademais, o conceito de *Griechheit*, no poema, já aponta
para o conceito de **poesia ingênua**: “foi harmonia, medida e ino-
cência”, e os dois versos finais para o de **poesia sentimental**: “e
tudo que eu tenho buscado / É o que, com razão, nunca pode ser feito
alvo de chacota”. No primeiro caso, é o estado humano *in natura*,
sem artificialidade e corrupção, “expressão de nossa infância perdi-
da”, cujo exemplo são os gregos antigos:

Entre eles, a cultura não degenerou tanto a ponto de se aban-
donar a natureza. Todo o edifício de sua vida social estava eri-
gido em sensações, não num trabalho de arte mal acabado;
mesmo sua mitologia era o estro de um sentimento ingênuo, o

¹ Distintamente de galicismo, vício de linguagem, *Galomania*, *Gräkomanie* no original, designa a imitação servil do neoclassicismo francês.

² Schiller enaltece a boa mania grega que se apoderou dos alemães, dele e Goethe, por exemplo, em detrimento irônico da mania francesa neoclassicista.

reberto de uma imaginação jovial, não da razão meditabunda, como a fé eclesiástica das nações modernas; portanto, já que não perdera a natureza, também fora dela o grego não podia ser por ela surpreendido e nem ter uma necessidade tão premente de objetos nos quais a reencontrasse (SCHILLER, 1991, p. 56).

É o que Hegel, falando da epopeia, vinda dessa “fonte primitiva”, chama “perfeita fusão de todos os destinos humanos e de todos os fenômenos da natureza com os desejos, a vontade e os atos de um mundo de divindades que se oferecem sob vários aspectos”, de modo que “tudo parece produzir-se naturalmente, sem transições” (1997, p. 471 e 453), cujo exemplo, segundo Hegel, é dado, na **Ilíada**, pela coesão espontâneo-natural entre os combatentes gregos, “o sentimento de solidariedade” como provindo “dos usos e costumes imanentes aos indivíduos enquanto indivíduos”, e não – como entre os modernos – “resultando de uma severa e penosa disciplina militar, de um longo exercício e o efeito de uma sólida organização” (1997, p. 453). **Homero** é exemplificado por Schiller como **poeta ingênuo**, envolvido pela natureza: “está por detrás da obra, assim como a divindade está por detrás do edifício do mundo; ele [o poeta ingênuo] é a obra, e a obra, ele” (1991, p. 57). Por conseguinte, o gênero épico é considerado ingênuo em sua origem grega, e o supracitado poema, **O ciclo da natureza**, está mais para ingênuo que para sentimental, quando versa o retorno cíclico de um velho homem para seu estado de natureza primordial.

Já no segundo caso, contra a acusação de possível anacronismo (sugerido por “e tudo que eu tenho buscado / É o que, com razão, nunca pode ser feito alvo de chacota”), Schiller atesta o humano em

sua condição moderna, *ad natura* como um Ideal a ser buscado, pois entre os modernos “a natureza desapareceu da humanidade” (1991, p. 55), numa cisão metafísica. Schiller assim define o tipo de sentimento dos modernos em relação à natureza perdida e, por extensão, aos antigos gregos: “o sentimento com que nos apegamos à natureza é tão aparentado àquele com que lastimamos a época passada da infância e da inocência infantil” (SCHILLER, 1991, p. 55). Não fortuitamente, o exemplo mais recorrente do conceito de ingênuo é a criança, que para o adulto moderno presentifica o Ideal, “não certamente o acabado, mas o proposto como tarefa” (1991, p. 45), e o poema **O ciclo da natureza** evoca essa criança, cujo mundo puro e infantil também conceitua a epopeia, conforme Lukács (1971). Continuando suas reflexões sobre o sentimento dos modernos ante a natureza, Schiller diz: “o sentimento de que se fala aqui não é, portanto, aquele que os antigos tinham; é, antes, igual ao que *temos pelos antigos*. Eles sentiam naturalmente; nós outros sentimos o natural”. Consequentemente, “nosso sentimento pela natureza assemelha-se à sensação do doente em relação à saúde”. Nesse contexto, “à medida que a natureza foi, pouco a pouco, desaparecendo da vida humana como *experiência* e como *sujeito* (agente e paciente), nós a vemos assomar no mundo poético como *Idéia* e como *objeto*” (SCHILLER, 1991, p. 56).

Diante do acima exposto, os poetas, como mordomos da natureza, “*serão natureza ou buscarão a natureza perdida*”, de modo que “pertencerão ou aos ingênuos ou aos sentimentais”, gerando “duas maneiras poéticas de criar completamente distintas”, que podem coexis-

tir dialeticamente “no mesmo poeta, também na mesma obra¹” (Idem, p. 57/61). A poesia moderna e o romance são exemplos de poesia sentimental, considerando “a *contradição* ou a *concordância* do estado real com o Ideal”, ou a ambas, conforme Schiller (1991, p. 83). Numa carta endereçada ao seu grande amigo Goethe, Schiller tece considerações teóricas importantes sobre **Hermann e Doro-téia**, de Goethe, obra claramente moldada no *epos* homérico. Para Schiller, não obstante a aproximação da epopéia clássica ser lembrada “inevitavelmente pelo hexâmetro”, o mundo grego evocado “participa menos do conteúdo, e o mundo do intermediário e novo, ou seja, a poesia moderna, pode ter razão em reivindicá-lo”. Essa participação menor é explicada pelo fato de nesse poema épico goethiano haver um vínculo “a algo nórdico e feudal” (representado por uma distinta classe), e “personagens principescas e caçadores estão somente a um passo dos cavaleiros [medievais]” (GOETHE; SCHILLER, 2010, p. 140).

A cumplicidade da correspondência entre Schiller e Goethe reconsidera a reflexão hegeliana de que o Estado Moderno, em função de seu prosaísmo desencantado, não serve como fundo para epopeia (Cf. HEGEL, 1997, p. 451), a fim de invertê-la em benefício estético para uma nova épica moderna. Assim, “se o moderno sente em si suficiente espírito grego para, a despeito de toda resistência da matéria, lutar com os gregos no próprio terreno destes, ou seja, no terreno da poesia ingênua, que o faça por completo” (SCHILLER, 1991, p. 87). Vejamos três poemas de Schiller, para finalizar estas considerações, os quais são: **Os deuses da Grécia**, com excertos da tradução de Machado de Assis, e os poemas-obras **A Ilíada** e **Odisseu**. O primeiro:

¹ Fusão que, conforme Schiller, causará “o maior efeito” (1991, p. 61).

Quando, coos ténues vínculos de gozo, / Ó Vênus de Amatonte,
governavas / Felices raças, encantados povos / Dos fabulosos
tempos [...] Na poesia envolvia-se a verdade; / Plena vida go-
zava a terra inteira; / E o que jamais hão de sentir na vida /
Então sentiam os homens [...] Só a beleza era sagrada outrora;
/ Quando a pudica Tiêmone mandava, / Nenhum dos gozos
que o mortal respira / Envergonhava os deuses. [...] Onde és,
mundo de risos e prazeres? / Por que não volves, florescente
idade / Só as musas conservam teus divinos / Vestígios fabulo-
sos // Tristes e mudos vejo os campos todos; / Nenhuma di-
vidade aos olhos surge; / Dessas imagens vivas e formosas /
Só a sombra nos resta. // Do norte ao sopro frio e melancólico,
/ Uma por uma, as flores se esfolharam; / E desse mundo rúti-
lo e divino / Outro colheu despojos [...] (In: MACHADO DE
ASSIS, 1976, p. 325-329. Tradução de Machado de Assis).

Num canto elegíaco, o poema consiste num lamento nostálgico do poeta diante de um mundo épico esvaziado de transcendência. A atmosfera de *nostos* ingênuo perdido predomina na primeira parte desse poema, com referências mitológicas, usando o poeta os verbos no pretérito. Desse mundo de deuses despojados, o poeta, que passa de ingênuo para sentimental, o “Outro”, “colheu despojos”, “a sombra”, com os quais o poeta reúne “coragem e renovada confiança para o percurso, acendendo de novo [...] a chama do *Ideal*”, aplicado à vida real (SCHILLER, 1991, p. 54). Através do Ideal, ele volta à unidade, num processo de inacabamento: “a tarefa é um infinito” (Idem, p. 89). Os seguintes poemas, **A Ilíada** e **Odiseu**, condizem com o princípio weimariano de revisitar esteticamente os clássicos, também condizendo, de certo modo, com esta declaração de Hegel: “os poemas de Homero são permanecerão para nós de uma atualidade imprecável” (1997, p. 457).

Lágrima eternal, a coroa de Homero e o número dos ancestrais
/ Da obra imortal, que sobreviverá através de todos os tempos!
/ Mas ela só tem uma mãe, que gera o traço tipicamente ma-
ternal, / São teus traços que geras – oh, Natureza – teus traços
eternos! (SCHILLER, 2004, p. 184. Tradução nossa).

Seu lar buscando encontrar, Odisseu cada mar atravessa; /
Através do redemoinho Caribde tão temeroso. Ai! E através
dos gritos bravios de Cila, / Através dos sinais alarmantes do
mar tempestuoso, também dos sinais alarmantes da terra. /
Mesmo para o reino do inferno, seu curso errante o conduziu.
/ E, ao fim, quando Odisseu dormia, à costa de Ítaca o destino
o dirigiu. / Para onde ele despertou e, com aflição, já não co-
nhece sua pátria (SCHILLER, 2004, p. 79. Tradução nossa).

Em **A Ilíada**, como um poeta sentimental moderno, optando pelo *epos* narrativo, Schiller inverte as tônicas descrições bélicas que preponderam na **Ilíada** homérica para deslacular a natura-mãe, pois nesse *epos*, “dada a natureza do tema, ações evoluem numa arena mais limitada [bélica] e em que as narrativas de batalhas pouco lugar deixam à descrição de cenas tranqüilas” (HEGEL, 1997, p. 454). Versando pouco sobre a agricultura, os animais campestres, Homero deu as cartas da inversão do jogo à **Ilíada** schilleriana. A ação bélica masculina é invertida numa submissão à esfera da natureza transcendente, com a qual os guerreiros heróis viviam em unidade, sendo a natureza instrumento dos deuses gregos no palco agônico da vitória sobre Troia.

Já **Odisseu**, poema que, diferentemente do anterior, não leva o nome da obra, mas o nome de seu personagem principal, transcorre numa recapitulação sintética das passagens homéricas de Odisseu, ao longo de sua atribulada travessia rumo ao lar. No entanto, a atmosfera ingênua é abruptamente deslocada para uma reflexão sentimental:

o “despertar” em Ítaca é relido como um pesadelo; lar pátrio que Odisseu não mais (re)conhece. Sua aflição sugere o novo percurso que terá de tomar, não como ingênuo, mas como sentimental. Não como herói épico clássico, mas como um herói problemático moderno (LUKÁCS, 1971), que perdeu seu estado de natureza ingênua para se submeter “a todos os males da cultura” moderna e artificial, para doravante “ter remotamente por alvo a tranqüila felicidade da natureza” (SCHILLER, 1991, p. 54).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOETHE, J.; SCHILLER, F. **Correspondência**. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Hedra, 2010.
- HEGEL, G. W. F. **Curso de Estética**: o sistema das artes. Trad. Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Estética**: o belo artístico ou o ideal. Trad. Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães, 1983.
- _____. **Estética**: a arte e o ideal. Trad. Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães, 1993.
- LUKÁCS, G. **The Theory of the Novel**: A historico-philosophical essay on the forms of great epic literature. Translated by Anna Bostock. Cambridge: Merlin Press Ltda, 1971.
- SCHILLER, F. **Poesia ingênua e sentimental**. Tradução, apresentação e notas de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- _____. **Poems**. Publisher: PoemHunter.com – The Word’s Poetry Archive. Disponível em:
<<<http://www.poemhunter.com/friedrich-von-schiller/>>> Acesso: 17 jul. 2025.

_____. Os deuses da Grécia. In: MACHADO DE ASSIS. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1976.

SÜSSEKIND, P. A recriação da Grécia: o debate de Goethe e Schiller sobre a imitação dos antigos. **Kléos**, n. 11/12, p. 77-89, 2007.